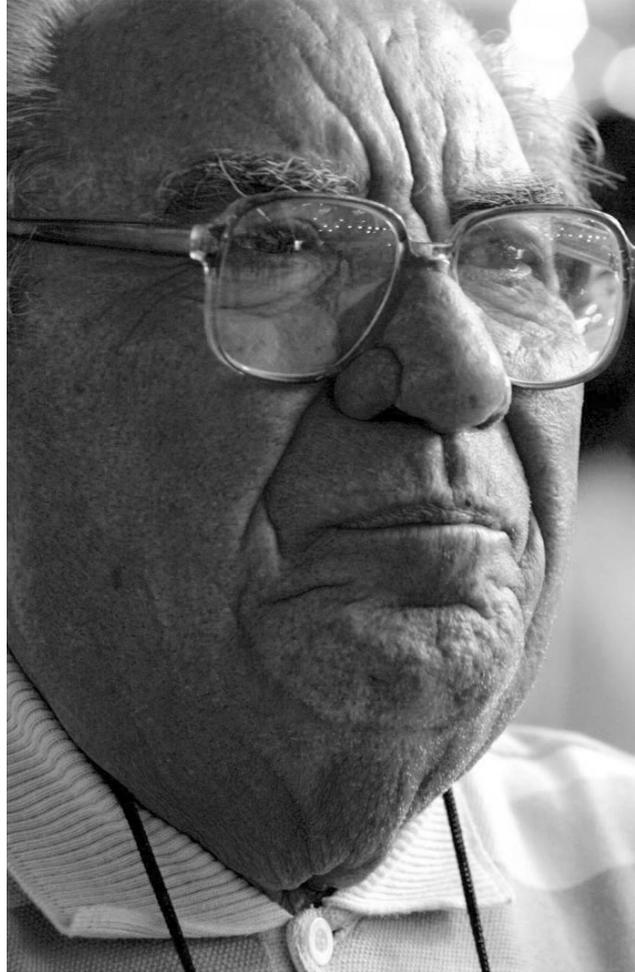


SAMUEL KLEIN¹

(Zaklików, Polônia, 1923; S. Paulo, Brasil, 2014)



Samuel Klein. S. Paulo, dezembro de 2004.

Fotógrafo não identificado.

Disponível em: <<http://s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2014/11/20/bahia2.143201a.jpg>>.

Acesso em: 4 ago. 2017.

¹ História de vida reconstituída a partir da entrevista concedida por Samuel Klein a Maria Luiza Tucci Carneiro (sem gravação em áudio ou vídeo). São Caetano do Sul, 2001, ampliada com outros testemunhos disponíveis na internet. Pesquisa: Blima Lorber e Maria Luiza Tucci Carneiro. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

Minhas raízes judaico-polonesas

Meu nome é Samuel Klein, nasci em 15 de novembro de 1923 na pequena Zaklików, cidade da província de Lublin (Polônia). Sou o terceiro de nove filhos de Sucher e Sheva Klein. Schmiliale é o meu nome em iídiche, língua falada por meus pais. A cidadezinha onde nasci, Zaklików, tinha uma população de cerca de três mil habitantes e pelo menos 30% eram judeus.



Zaklików (Polônia), cidade natal de Samuel Klein.
Google Maps.

Fui para a escola aos 5 anos para ter um aprendizado com rabinos, pois a minha família era religiosa, mas não ortodoxa. Aos 7 mudei para uma escola não judaica e com apenas 8 aprendi o mesmo ofício do meu pai, marceneiro. Apesar de criança, passei a ajudá-lo em pequenas tarefas e no sustento da casa.

Em 1937, meu pai decidiu mudar-se com a família para Lipa, uma aldeia próxima de Zaklików, onde tinha maiores oportunidades de trabalho, uma vez que lá não havia carpinteiros. Assim, passei esta parte da minha infância ajudando meu pai na carpintaria, trocando as brincadeiras pelo trabalho. Adolescente, comecei a praticar um “comércio informal” vendendo amoras que colhia na região, procurando sempre arrumar as minhas mercadorias com cuidado em uma cesta. Assim, atraía clientes. Desenvolvi ainda mais a minha capacidade de compra ao receber do meu pai a tarefa de adquirir bezerros para a família, alguns dos quais eu revendia no caminho e ganhava mais uns trocados para o

sustento da casa. Nessa mesma época, interrompi meus estudos por causa de xingamentos e agressões que sofria na escola por ser judeu.

Durante a Polônia ocupada

Estávamos em casa quando em 1º de setembro de 1939 a Alemanha invadiu a Polônia, dando início à Segunda Guerra Mundial. Em novembro, os nazistas chegaram ao interior e invadiram Lipa. Minha família, assim como outras pessoas, foi se esconder no bosque. Meu pai, porém, resolveu que deveríamos voltar para casa. Voltamos!

Dois meses após o nosso retorno, os alemães ordenaram o registro de todos os judeus, que passaram a usar uma braçadeira amarela com uma estrela de David no centro. Apesar disso, a vida nos lugarejos de Zaklików e Lipa não sofrera grandes mudanças. Continuamos trabalhando até o momento em que a violência bateu na nossa porta. Era outubro de 1942, uma sexta-feira, véspera do *Shabat**. Ouvimos alguém batendo com força na porta da casa. Fui atender. Deparei-me com soldados alemães, que nos deram dez minutos para arrumarmos nossas coisas e sairmos da casa. Pouco depois, fomos levados diante da vizinhança sem reação. Junto com dezenas de outros judeus, caminhamos em fila de Lipa para Zaklików. Não podíamos olhar para os lados nem falar. Chegando em Zaklików fomos amontoados na sinagoga, onde já havia uma multidão de judeus. Lembro-me que olhei para minha família e imediatamente para a sinagoga, que estava vigiada para impedir fugas. Desolado, sentei-me e chorei até adormecer.

Na manhã seguinte, os nazistas dividiram os judeus em grupos e separaram as famílias. Meu pai, meu irmão Isaac e eu fomos registrados. Esta foi a última vez que vi minha mãe e minhas irmãs. No meio daquela balbúrdia, ouvi minha mãe falar: “Samuel, salve-se!”. Ao sairmos da sinagoga, os guardas agarraram Isaac, que era franzino, e o levaram novamente para dentro. Nada pudemos fazer por ele, que lá ficou chorando. Enquanto isso, meu pai e eu fomos levados para o lado de fora. Não sei como a minha irmã mais nova, Esther, conseguiu fugir e se abrigar na casa de uns poloneses em Zaklików. Depois, ela vagou por vários lugares na Polônia, trocou seu nome e assim passou por polonesa (não judia), indo trabalhar na Alemanha, como muitos outros jovens poloneses. Minha mãe e meus irmãos

Vozes do Holocausto

mais novos foram transportados para o campo de extermínio de Treblinka, onde foram mortos.^A



A- Treblinka foi o quarto campo de extermínio nazista localizado nos arredores da cidade de Treblinka, na Polônia ocupada pelos alemães. Havia dois campos: Treblinka I – campo de trabalho forçado, onde os prisioneiros fabricavam cascalho para o esforço de guerra nazista; e Treblinka II – campo de extermínio para onde foram deportados os judeus, a maioria retirada dos guetos de Varsóvia e Radom, a partir de julho de 1942. Neste campo foi criado um sistema de trabalho (*sonderkommando*) onde os judeus eram incumbidos de receber os comboios que chegavam, conduzir os deportados para as câmaras de gás, retirar os cadáveres, extrair os seus dentes de ouro e proceder à cremação deles com o objetivo de ocultar o número de pessoas mortas. Historiadores estimam que cerca de 900 mil judeus foram assassinados neste campo de extermínio em apenas 16 meses.

Deportação de judeus poloneses para o campo de extermínio de Treblinka, provenientes do gueto de Siedlce, na Polônia ocupada, 1942. Fotografia não identificado.

Acervo: Institute of National Remembrance. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0b/Deportation_to_Treblinka_from_ghetto_in_Siedlce_1942.jpg>. Acesso em: 4 ago. 2017.

O destino de Sheva Klein

Last Name	Klein
First Name	Sheva
Gender	Female
Father's First Name	Lea
Marital Status	Married
Spouse's First Name	Isakhar
Spouse's First Name	Dov
Permanent Place of Residence	Zaklikow, Janow Lubelski, Lublin, Poland
Status according to Source	Murdered
Submitter's Last Name	Klein
Submitter's First Name	Shmuel
Relationship to Victim	Family
Content Note	(for bibliographical information see the Hebrew entry)
Source	O.41.3 – Names of Holocaust victims found in religious books housed in the National Library of Israel, Jerusalem
Type of material	Record of murdered persons

Registro de testemunho sobre a morte de Sheva Klein, submetido por Samuel Klein.

Acervo: Base de dados do Yad Vashem.

Disponível em: <<http://yvng.yadvashem.org/nameDetails.html?language=en&itemId=9574478&ind=9>>.

Acesso em: 4 ago. 2017.

Vozes do Holocausto

Meu pai e eu fomos deportados num trem de gado para o campo de concentração e trabalho de Budzyn, onde chegamos à noite. Na manhã seguinte, bem cedo, fomos acordados aos gritos pelos soldados para a chamada e distribuição de trabalho. Nós fomos encaminhados para trabalharmos como marceneiros, assim como constava na nossa ficha de registro.

O *SS-Arbeitslager* de Budzyn, que existia desde 1942, ficava a cinco quilômetros da cidade de Krasnik, numa área próxima a um complexo militar-industrial. O local era cercado por arame farpado, tinha quatro torres de vigia e sobre o portão de entrada um letreiro onde se lia: “Jedem das Seine” (A cada um o que merece). O trabalho era muito puxado e todos os prisioneiros eram obrigados a cantar enquanto cumpriam as tarefas, como forma de não conversarem e combinarem uma fuga. As refeições eram mínimas: um pedaço de pão e um café ralo pela manhã e uma sopa aguada à noite.

Num determinado momento, tive a ideia de oferecer-me para trabalhar como ajudante de cozinha, um local aquecido e onde poderia obter uma porção extra de comida. Consegui, mas o serviço incluía servir os soldados, alguns deles muito cruéis, como o comandante Otto,^A que não passava um dia sem matar ao menos um judeu e, em seguida, sentava-se à mesa para a sua refeição. Às vezes, passava-me pela cabeça uns pensamentos de vingança contra aquele homem, mas nada podia fazer. Eu evitava ao máximo o encontro com aquele carrasco, e um dia cruzei o seu caminho, mas não parei. Outros dois judeus que vinham em seguida foram mortos na sequência. Saí correndo dali e de longe ouvi dois tiros.

Embora o campo não fosse grande, eram comuns crimes a atos desumanos contra os prisioneiros. As rações de comida

A- Samuel Klein refere-se a Karl-Otto Koch (1897-1945), coronel alemão (*Standartenführer*) da *Schutzstaffel* (SS), conhecido por comandar os campos de concentração nazista de Buchenwald, Sachsenhausen e Majdanek. Ele e sua esposa Ilse Koch roubaram grandes quantidades de objetos de valor, ouro e dinheiro de judeus assassinados, além de participarem de crimes notórios nesses campos. Denunciado por seus crimes, Karl-Otto foi, eventualmente, encarcerado na prisão da SS em Weimar. Em 5 de abril de 1945, com a aproximação dos Aliados, Koch foi conduzido até Buchenwald, executado por um esquadrão de fuzilamento da SS e seu corpo descartado no crematório do campo.

eram tão escassas que prisioneiros sem acesso a rações extras eram descartados. Aqueles incapazes de trabalhar foram enviados para o hospital do acampamento, onde rapidamente morreram.

Permanecemos em Budzyn por quase dois anos trabalhando como escravos. Com o avanço do Exército Vermelho, os nazistas, em 10 de junho de 1944, transportaram muitos judeus que ali estavam para o campo de Majdanek, incluindo meu pai e eu. Majdanek era um campo de concentração e extermínio muito próximo à cidade de Lublin. Lá havia prisioneiros de guerra russos e presos de outros campos, poloneses civis e judeus de vários países. Muitos morreram de doenças, inanição, exposição à temperatura, exaustão ou em razão de espancamentos e assassinatos a tiros pelos guardas. Homens, mulheres e crianças morreram nas câmaras de gás, onde era utilizado o gás Zyklon B.^A

Minha fuga

Em julho de 1944, os nazistas, assim que perceberam que o exército soviético se aproximava, reuniram cerca de mil prisioneiros numa marcha – conhecida como a Marcha da Morte –, rumo à Alemanha. Antes, porém, destruíram documentos e queimaram o grande crematório, mas não tiveram tempo de acabar com os alojamentos dos prisioneiros e com as câmaras de gás. Os russos libertaram Majdanek em 24 de julho e encontraram centenas de prisioneiros judeus no local.^B

Foi nesta marcha que, arriscando a minha vida, decidi fugir. Entrei num trigal e o barulho de uma bomba fez com que os alemães apressassem a marcha. Corri cada vez mais para dentro do trigal, que margeava a estrada, sem

A- *Konzentrationslager Majdanek* foi o terceiro maior campo de concentração construído pelos nazistas na Polônia ocupada, a quatro quilômetros de Lublin. Por ordens de Heinrich Himmler, comandante da SS, foi criado em outubro de 1941 para receber prisioneiros de guerra, sendo comandado por Karl-Otto Koch. Em fevereiro de 1943 foi transformado em campo de concentração geral alemão, ficando à vista da população civil de Lublin. Majdan Tatarski e foi dado pelos habitantes locais. Em 1942 elevou sua capacidade de 50 mil para 250 mil prisioneiros, usados principalmente em trabalho escravo para produção de munição e armas. A partir de abril de 1942 até seu fechamento em julho de 1944, foi transformado pelos alemães em campo de extermínio com a introdução de câmaras de gás (Zyklon B) e crematórios. Calcula-se que cerca de 78 mil vítimas, sendo 54 mil judeus, morreram neste campo.

B- Com a chegada do Exército Vermelho, em 1944, e o avanço das tropas libertadoras, o campo foi fechado, sendo o crematório o único local que os alemães não conseguiram destruir antes da fuga, o que transformou Majdanek no mais bem preservado campo do Holocausto no pós-guerra. Cerca de mil detentos foram evacuados na chamada Marcha da Morte e, dias depois, encontrados pelos soviéticos, a maioria prisioneiros de guerra. Os soviéticos tomaram posse do campo, libertaram os prisioneiros e transformaram o local num campo da NKVD, o serviço secreto soviético, onde internaram milhares de integrantes da resistência polonesa, que atuava na clandestinidade durante a guerra.

saber para onde estava indo. O que mais queria era me afastar do grupo, porém meu pai não me saía da cabeça. Somente parei ao ouvir vozes e, assustado, vi três homens vindo na minha direção. Percebi que usavam o mesmo uniforme que eu. Eram prisioneiros judeus de Majdanek que também tinham fugido. Durante vários dias vagamos ao acaso até encontramos um soldado soviético. Como não conseguíamos nos comunicar, seguimos o oficial até uma aldeia próxima, onde fomos alimentados por poloneses. Foi, então, que entendi que o racismo dos poloneses não poderia ser generalizado. Ríamos e chorávamos ao mesmo tempo, pois agora estava livre.

Decidi permanecer na Polônia. Passei por Krasnik destruída, e segui a pé para Zaklików, onde encontrei a maioria das casas queimadas, inclusive a da minha família. O bairro judaico havia desaparecido. Fui até Lipa, que permanecera intocada, e aproximei-me da casa onde moramos. Bati na porta e fui atendido por um homem que não queria conversa. Decidi ir embora, mas o homem foi até um policial que estava próximo e cochichou algo. O policial veio conversar comigo, mas não acatou meus argumentos, dando ordem de prisão. Fui levado a Zaklików sob a acusação de que havia importunado o homem e sua família ameaçando-os de tirar-lhe a casa. Depois, levaram-me a Krasnik, onde fui libertado graças à intervenção de um comitê de sobreviventes.

Reencontros em liberdade

Livre, resolvi voltar a Lipa, onde consegui trabalho numa fazenda próxima em troca de comida, e lá permaneci. Um dia, quando estava indo trabalhar, percebi alguém se aproximando e, com medo, virei-me para ver quem era. Surpreso, vi minha irmã Césia, após sete anos de separação. Ela e o meu irmão mais velho, Sloma, viviam em Varsóvia, onde haviam sido capturados pelos nazistas e levados para uma zona controlada pelos russos e de lá transportados para a Sibéria. Sloma integrou-se a uma força polonesa, aliada da União Soviética, e rumou para a Polônia. Césia decidiu seguir para Lublin, já liberta, para procurar a família e conseguiu informações de que Samuel estava em Lipa, onde foi encontrá-lo. Logo depois, Sloma apareceu de passagem, integrando este reencontro de irmãos e trazendo uma carta de Esther, aquela irmã que fugira da sinagoga.

Após algum tempo, Césia e eu saímos de Lipa e fomos para Krasnik, depois a Lublin e nos estabelecemos em Gleivitz. Em seguida, Esther e Sloma, já afastado do Exército, vieram morar conosco. Finalmente, éramos uma família, ainda que incompleta. A guerra tinha acabado, mas faltava encontrar meu pai, o último possível sobrevivente da família, pois já tínhamos conhecimento do terrível destino da nossa mãe e dos nossos cinco irmãos. Graças às informações obtidas com uma pessoa que passou pela cidade e também por meio de uma lista emitida por uma entidade, soubemos que papai sobrevivera e estava em Felderfink, um campo de refugiados próximo a Munique, na Alemanha. Sloma e Césia, em abril de 1946, foram à Alemanha encontrar nosso pai, que estava internado num campo de refugiados pesando apenas 45 quilos. Assim que o encontraram, nos escreveram e, Esther e eu, resolvemos sair da Polônia, que passaria a ser regida pelo comunismo, e ir à Alemanha para viver com os nossos dois irmãos e reencontrar nosso pai.

Em Munique, passei a trabalhar como comerciante, viajando seguidamente para Berlim, comprando e vendendo produtos para os soldados americanos. Em janeiro de 1949, em Berlim, conheci Chana Wangerin, uma jovem alemã por quem me apaixonei. Neste mesmo ano, meu pai, a filha Esther e seu marido, Mordechai, partiram para Israel; Sloma e Césia foram para os Estados Unidos.

Em busca de uma nova pátria

Instalei-me em Berlim e, em 31 de dezembro de 1949, casei-me com Chana Wangerin.^A Em 1950, abrimos a

A- Chana [Anna] Klein, sobrenome de solteira Wangerin, nasceu em Osterfeld [Alemanha] em 26 de fevereiro de 1931, sendo filha de Erik Wangerin e Morrie de Vilber. Casou-se com Samuel Klein em Berlim, no dia 31 de dezembro de 1949, com quem teve quatro filhos: Michael Klein, Saul Klein, Eva Klein e Oscar Klein [falecido], e três netos: Natalie Klein, Raphael Oscar Klein e Leandro Klein. Chana Klein faleceu em 4 de agosto de 2006 e Samuel Klein em 20 de novembro de 2014, em S. Paulo, poucos dias após completar 91 anos.

Vozes do Holocausto



Casamento de Samuel Klein com Chana Wangerin. Berlim, 31.12.1949.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: ISK/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Disponível em: <http://s2.glbimg.com/dxononuTTBWd9HCKvLme9XBsiZs=/fit-in/940x590/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2014/11/20/dezembro_de_1949._o_casamento_marca_o_inicio_da_uniao_de_samuel_e_ana_klein.jpg>. Acesso em: 4 ago. 2017.

loja *Freie Genuss Lebensmittel*, especializada em *delicatessen* e alimentos. Nesse mesmo ano nasceu Michael, nosso primeiro filho. Decidimos que era hora de buscar outro lugar para viver. Foi quando aceitamos a sugestão de amigos para emigrarmos para a Bolívia, país que nos era totalmente desconhecido.

Em 27 de dezembro de 1951, após uma longa viagem de trem desde a Alemanha, embarcamos em Gênova, no vapor Provence, para a Argentina. Dali partimos de trem para La Paz, capital da Bolívia, onde permanecemos por pouco tempo em razão da instabilidade política. Decidimos que não iríamos criar Michael em um clima de insegurança e medo.

Assim, optamos por morar no Brasil, para

onde fui sozinho no início de junho de 1952, indo viver provisoriamente com a tia Hinda, irmã da minha mãe, radicada no Rio de Janeiro. Somente após conseguir obter os documentos

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL MODÉLO S.E. 189
FIGHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 374576

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Samuel Klein
Admitido em território nacional em caráter temporário
(temporário ou permanente)
Nos termos do art. 7.º letra a do dec. n.º 987, de 1945
Lugar e data de nascimento Kraschnik em 16 novembro de 1923
Nacionalidade Alemanha Estado civil casado
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Singer Klein e Seba Klein Profissão industrial
Residência no país de origem Munaco, Alemanha

NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Título de Viagem

Expedida em München, Alemanha expedido pelas autoridades de Polícia de München, Alemanha na data de 8 de novembro de 1951
visado sob n.º 302

ASSINATURA DO PORTADOR:
Samuel Klein

Em La Paz, em 24 de Julho de 1952
O CONSUL:
Alfredo (s.)

SEI COI

Ficha consular de qualificação de Samuel Klein emitida pela embaixada do Brasil na Bolívia.

La Paz, 24.7.1952.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

Samuel Klein

necessários para a minha permanência no Brasil é que mandei trazer Chana e o nosso filho, que chegaram 40 dias depois. Chana e Michael desembarcaram no aeroporto de Congonhas, em S. Paulo, com os passaportes expedidos em Munique (Alemanha), visados em La Paz (Bolívia).

24552 REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL MODELO S.C. 130
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 248633
Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Chana Wangerin de Klein
Admitido em território nacional em caráter permanente
Nos termos do art. 9.º letra do dec. n.º 267, de 1945
Lugar e data de nascimento Ostarfelda em 26 fevereiro 1931
Nacionalidade alemã Estado civil casada
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Erik Wangerin e Morrie de Vilber Profissão doméstica
Residência no país de origem Rua Rosendo Gutierrez 81, La Paz

NOME	IDADE	SEXO
Michael	22 meses	masculino

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

TÍTULO DE VIAGEM
Passaporte n.º 0002909 expedido pelas autoridades de Polícia de Munique Alemanha na data de 8 de novembro de 1951
visado sob n.º 438

Embaixada Brasil em La Paz, em 23 de outubro de 1952
O CONSUL:
Almeida

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Ficha consular de qualificação de Chana Wangerin de Klein emitida pela embaixada do Brasil na Bolívia.

La Paz, 23.10.1952.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

Após alguns meses, resolvemos vir para S. Paulo, onde tinha mais possibilidades de trabalho. Em S. Paulo reencontrei um conterrâneo de Berlim, que me levou a São Caetano do Sul, onde trabalhava como mascate, sendo incentivado a trabalhar da mesma forma. Fiz contato com um desses mascates, judeu, que me vendeu os seus contatos, cerca de 200 clientes, o suficiente para iniciar o meu trabalho. De imediato eu trouxe a família para São Caetano, onde comecei a trabalhar como mascate, profissão que a maioria dos judeus adotou ao chegar ao Brasil. De porta em porta eu vendia roupas de cama, mesa e de banho, mercadorias que comprava no bairro do Bom Retiro em S. Paulo. Como era de se esperar de um imigrante polonês, eu tinha dificuldade com a língua, mas com simpatia consegui ampliar a minha clientela.

Em meados da década de 1950, durante o governo de Juscelino Kusbitschek, a indústria automobilística ganhou impulso e se instalou em S. Paulo, atraindo centenas de migrantes do Norte e Nordeste para trabalhar. Percebendo que eles tinham dificuldades de adaptação ao clima procurei incrementar as minhas vendas oferecendo cobertores aos recém-chegados.

Vozes do Holocausto

Aos poucos, a vida foi melhorando e a minha família cresceu com o nascimento de Saul, Eva e Oscar. Durante os cinco anos seguintes consegui juntar a quantia suficiente para adquirir uma loja de um contêrrâneo, Aarão Wasserman. Assim nasceu a Casa Bahia, uma homenagem aos meus clientes nordestinos que viviam em São Caetano do Sul. Em 1º de janeiro de 1958, a Casa Bahia reabriu suas portas, sob a minha direção, com várias linhas de produtos. A empresa cresceu e se tornou Casas Bahia, exigindo muito esforço e trabalho. Nesse mesmo ano chegaram ao Brasil Marie e Ilse Wangerin, mãe e irmã de Chana. Ilse ajudou a implantar os setores contábil e de cobrança da loja e eu continuei com os meus funcionários vendendo de porta em porta.^A



Primeira loja da Casa Bahia inaugurada em 1º.1.1958 em São Caetano do Sul. S. Paulo, 1958.

Fotógrafo não identificado.

Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/cidades/dez-fatos-casas-bahia-samuel-klein/>>.

Acesso: 4 ago. 2017.

A- Em 2007 a Casas Bahia mantinha 561 lojas pelo país, com 56 mil funcionários diretos. Michael e Saul, filhos de Samuel e Chana Klein, assumiram a administração, mas mesmo assim Samuel continuou trabalhando até 2012, quando se aposentou. Hoje, a Casas Bahia transformou-se em uma potência no varejo, marcando seu espaço em centenas de cidades brasileiras. Uma de suas ações comunitárias foi o apoio à reforma da sede do Macabi, clube desportivo judaico, na Avenida Angélica, que ganhou novas e modernas instalações. Por essa razão, a diretoria do Macabi decidiu dar ao edifício, totalmente reformado, o nome de Samuel Klein. Em 2014, Natalie e Raphael Klein, netos de Samuel Klein, criaram o Instituto Samuel Klein (ISK), com sede em S. Paulo. Em 2015, o ISK patrocinou o projeto *Vozes do Holocausto*, coordenado por Maria Luiza Tucci Carneiro, cujos resultados integram algumas das histórias de vida dessa coleção.

Samuel Klein



Samuel Klein em comemoração nas Casas Bahia.
Acervo Família Klein/SP; Arqshoah-Leer/USP.